

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SEculo

DE SANTA
RITA

A VINGANÇA DOS PARDALICOS

|| Por ANAO SABICHÃO ||

E' a história dum parzinho de pardalicos que hoje venho contar aos meus meninos.

No beiral duma casinha pobre de aldeia, é que eles haviam construído o ninho.

E estavam bem contentes da sua vida!

Podiam voar para um renque de árvores, ali perto, podiam debicar nos grãosinhos e plantas dum campo vizinho e isso lhes bastava para viverem felizes.

Ora aconteceu, certa tardinha em que, muito conchegadinhos, se preparavam para adormecer, ouvirem um *chrrí-chrrí* que os fez pôr, outra vez, as cabecinhas fóra do ninho.



Que surpresa! Que surpresa!

Chegara de longa viagem o primo Pardalão! Vinha entufado, de papo inchado, todo empoado!

Os pardalicos mostraram-se muito amáveis. Apressaram-se a sair do ninho e a senhora Pardoca, com o seu melhor sorriso, disse ao primo novo-rico que passasse ali a noite.

O colchãozinho era fófo... Estava-se lá tão bem!...

Mas o Pardalão, piou, desdenhoso:

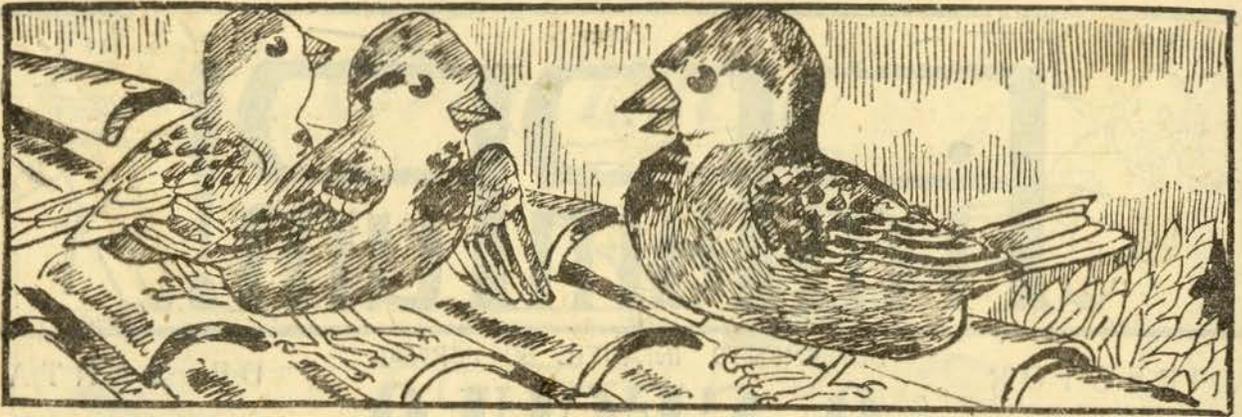
— Estou pouco habituado a dormir em ninhos ordinários, construídos com palhas do campo e em telhados carcomidos pelo tempo e humidade.

Que bem se passa na cidade, primo Pardalico! Que belos palácios de telhas novinhas em folha!

Que lindo arvoredo para nos acolher! Se até há uma árvore, feita de propósito para os pardais! Vivemos ali perto do Poeta que nos escuta o chalrear, sempre muito sério mas, com certeza, encantado com os nossos gorgeios!

E era de ver os olhitos esgaçados do outro que o executava, cheio de admiração!

A senhora Pardoca, essa, abria a boca mas era de sono!



No entanto, como bôa d'ona de casa, tornou obsequiosa:

— Sirva-se, então, da nossa ceia...

E apresentou ao hóspede uns grãosinhos de plantas do campo.

O Pardalão franziu o bico, enjoado:

— No meu papo só entra trigo, centeio e alpista de primeira! Se vocês vissem as hortas, as eiras, os pomares, nunca mais podiam olhar os grãos mirrados de que se sustentam. Nas terras por onde viajo, há, também, belas gínjas e nêperas saborosas que assim me têm engordado.

Propuzeram-lhe, então, uma passeiata às árvores vizinhas.

Descontente, o Pardalão piou logo, mal humorado:

— Só me distraio nas olaias e acácias dos jardins da capital! Que lindas flores os perfumam! Este cheiro a arroz de telhado que vocês aqui usam, é intolerável!

E o pedante tossia, espirrava, cada vez mais enfatiado com o que o rodeava.

Depois de ouvir tais discrições, o pardalico começou, também, a desdenhar da sua vida.

Piava, constantemente, irritado:

— Com esta falta de comodidades não se pode viver! Estes grãos indigestos estragam o meu papinho! Este ar é irrespirável!

Preciso mudar de rumo! Ver e ouvir cousas novas! Correr mundo, enfim, como o primão Pardalão! Debalde a senhora Pardoca, toda assarapantada, tentava apaziguá-lo!

— O quê? Deixas o nosso ninho que com tanto trabalho e carinho, construímos? As árvores que, até aqui, abrigaram a nossa feli-

cidade? Este ar tão fresco e saudável? Havemos de abandonar este céu tão azul, tão bonito?

Casmurro, o Pardalico só ouvia a voz do primo Pardalão que não se calava, apregoando sempre as vantagens da capital, onde os pardais passam vida regalada.

O toleirão com um ar muito maçado, ia dizendo:

— Que aborrecimento de campo! Nada se compara aos divertimentos da cidade, onde há cousas que rolam no chão e fazem *tlin, tlin* e outras, que fazem *pô, pô!* Aqui só há luzes no céu. Lá, também, as há na terra! E tão brilhantes, que nem nos deixam dormir de noite!

Com o papo inchado de importância, continuava:

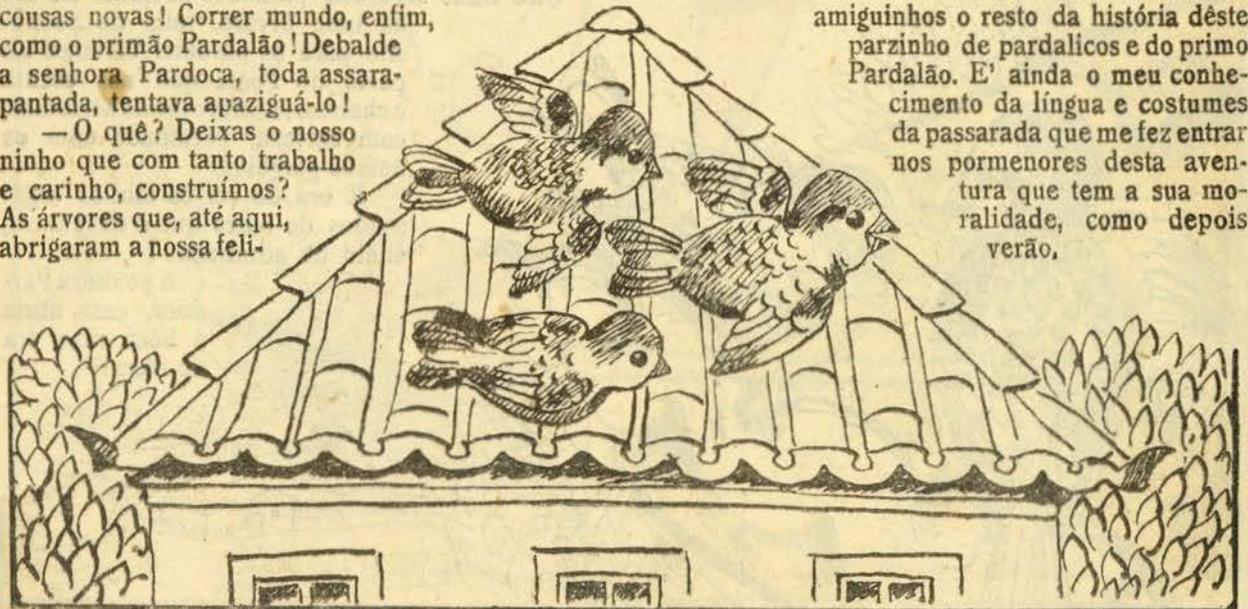
— Tudo distrações para os pardais! Nem vocês as sonham, costumados a esta sensaboria do campo!...

Deslumbrado com tantas maravilhas, pardalico passava as noites em claro, mas a pardoca, inquietada, tremia pelo seu futuro.

Tinha de quê, porque no dia da partida do primo Pardalão, o senhor Pardalico decidiu ir com êle para a capital.

Toda chorosa, a Pardoca seguiu tristíssima por abandonar o seu ninho e tudo o mais que a rodeava.

Para a semana contarei aos meus amiguinhos o resto da história deste parzinho de pardalicos e do primo Pardalão. E' ainda o meu conhecimento da língua e costumes da passarada que me fez entrar nos pormenores desta aventura que tem a sua moralidade, como depois verão.



OS DEFEITOS DE BÉBÉ

POR ZÉ D'ALDEIA

O Bébé tem um defeito
Um tanto desprimoroso:
Se apanha algum doce a jeito,
Torna-se logo guloso!

Há dias, sem mostrar medo,
(Quem tal viu foi a criada)
Meteu três vezes o dedo,
No boião da marmelada!

Logo a mãzinha inquiriu:
—«Quem fez êste desacato?!»
Ao que Bébé retorquiu:
—«Mamãzinha, foi o gato!...»

Já me esquecia explicar
Que não é só um guloso...
A's vezes, p'ra variar,
Também se faz mentiroso!

Dois defeitos e não um,
Pouco próprios dum menino
Que é leitor do Pim-Pam-Pum,
No que aliás mostra tino!

Mas há mais, já me esquecia,
Outro defeito maldoso,
(Segredou-mo a sua tia),
E' um grande preguiçoso!

Ter preguiça francamente,
Não se pôde perdoar...
Quando se é tão diligente
P'ra quanto seja brincar!



Mas há mais, que tentação!
(Bem desgostosa anda a mãe)
Rói as unhas duma mão,
Como as da outra também!

Confesso, causam tristeza
Os defeitos do Bébé,
Que, p'ra mais, até á mesa,
Chora, canta e bate o pé!

Também sólta muitas pragas,
Outro defeito infeliz;
Pois se até nas horas vagas
Mete os dedos no nariz!

Vejam lá que coisa, feia!
E' teimoso?! Não há mais!
Apanha cada tareia
Que lhe dão os pobres pais!

Se eu fôsse aqui a explicar
Quantos defeitos já tem,
Seria um nunca acabar...
Passavam, talvez, de cem!

Mas, um dia, o pai Seguro
Deixou-se de demasias;
Meteu-o no quarto escuro,
Pelo espaço de três dias!

E tal susto êle apanhou
Que, junto ao pai, a chorar,
De joelhos lhe jurou
Nunca mais continuar,

A alimentar os defeitos
Em que êle era tão fecundo!
E, hoje êle é dos mais perfeitos
Meninos, cá dêste mundo!



■ F I M ■

O CRIADO CHIMPANZÉ

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenhos de A. CASTAÑÉ

CHIMPANZÉ, macaco-macacão era o criado de mesa de D. António de Castro e Teles, governador de Angola, que vivia num palácio em Loanda, com seus filhos Tónio e Quim, de sete e oito anos, e com a avózinha dèstes, Senhora Dona Gertrudes.

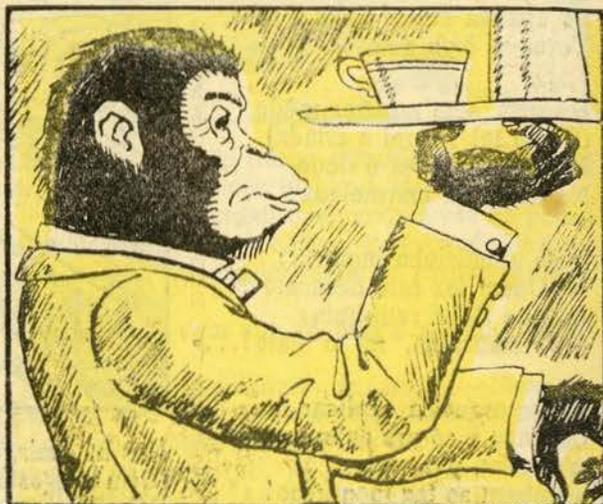
D. Gertrudes, D. António e Toninho gostavam do Chimpazé que, de casaca e luva branca, servia admiravelmente à mesa, excepto se lhe ralhavam, porque, então, trouxesse, embora, uma bandeja nas mãos, cheia de cópos de água ou uma travessa com o melhor acepipe, era certo e sabido assustar-se, abrir os braços, deixar cair no tapete tudo que transportava, e... desatar a fugir, mato fóra, até ao dia seguinte.

Se não fóra este defeito, apenas, o nosso Chimpazé era um criado exemplar.

Só Quim o detestava. Achava-o feio e tinha, por vezes, nôjo de ser servido por êle. Gostava imenso de lhe pregar partidas. Sabendo que o Chimpazé se pelava por bananas, de quando em quando, ia levar-lhas mas terdo, antes, o cuidado de lhes chupar o miolo, substituindo-o por miolo de pão, depois de muito amassado.

Chimpazé caía sempre no lôgro. Recebi-as àvidamente mas, ao perceber que eram, falsificadas, fazia-lhe uma careta mal o Quim, rindo a bandeiras despregadas, lhe voltava as costas, e ia guardá-las, sorrateiro, debaixo da cama, sabe Deus para quê! Certo dia, ao jantar, Quim, irritado porque fóra

o último a ser servido, atirou



com um prato à cabeça do pobre Chimpazé que, deixando cair, imediatamente, a travessa que trazia, aos guinchos e aos pulos, já de mãos pelo chão, saiu porta fóra, e foi carpir suas mágoas para o cimo da copa de uma esguia palmeira.

D. António, furioso, pregou três açoites no Quim e determinou que, de castigo, no dia seguinte, êle ficasse, sòzinho, no Palácio, em vez de ir com êles jantar a casa do seu amigo Pedro de Sousa que os havia convidado a todos e que tinha, também, dois filhos com quem Tónio e Quim gostavam de brincar.

No dia imediato, à hora do jantar, sòzinho e amuado, Quim sentou-se à mesa.

Irrepreensível, como sempre, de casaca e luvas, o Chimpazé começou a servi-lo.

Ao meio da mesa uma fruteira, cheia de bananas, constituía o motivo para a vingança do Quim. Pois quê?!... Ficara de castigo em casa, por causa do macacão, e não havia de se destorrar à sobre-mesa, de arreliar o pobre macaco, para quem as bananas eram como manteiga em focinho de cão!



MUSA INFANTIL

PORTUGAL

Tu és a minha Pátria, o berço qu'rido
Que acalenta meus sonhos de criança,
E's um jardim d'amor, jardim florido,
Onde reina a corágem e a esperança!

Pequenino que sejas, não faz mal!
Não és tu grande, em tua glória e fama?!
Não são teus filhos Alvares Cabral,
Albuquerque, Camões, Vasco da Gama?!

PROVÉRBIO-ADIVINHA



Como é lindo o teu céu, muito azulinho
De nuvens muito brancas, sem igual...
Deixa-me soletrar, assim baixinho,
O teu nome querido — Portugal!

MARIA AMALIA ORTIZ DA FONSECA

(NELLIA)

Com que prazer as comeria, fazendo-lhe crescer água na bôca, mirando-as e remirando-as à sua vista. Até se havia de morder de inveja, ao vê-las em sua bôca, a saboreá-las, vagarosamente.

* * *

Servido o último prato, Quim olhou, de soslaio, mas intencionalmente, para o Chimpanzé, e exclamou: — «Ora, vamos lá provar estas ricas bananas! Vamos... é um modo de dizer. Quem as vai comer, só, sou eu!» E, já com uma na mão, acrescentou: — «Talvez te apetecessem mas... Subitamente fez-se muito corado. Percebeu que o recheio era miolo de pão. Escolheu outra. Estava na mesma; tirou outra e outra e outra e viu que estavam todas falsificadas, que eram as



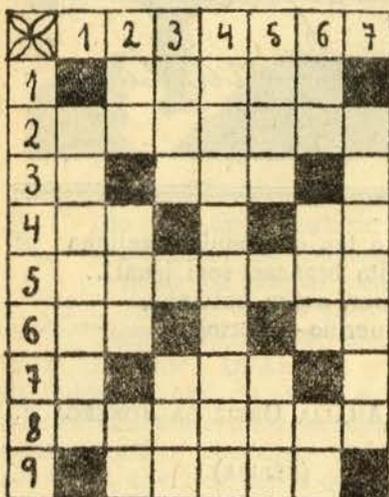
mesmas que o Quim lhe havia dado e que o Chimpanzé guardara para vingar-se dele.

As boas, as que a avôzinha deixara, tinha-as ele comido, o esperto Chimpanzé, macaco-macacão.

■ ■ F I M ■ ■



PALAVRAS CRUZADAS



D. Rufa - Tramagal

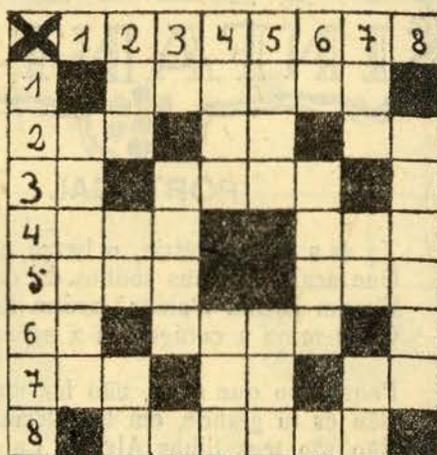
alma; 5, fruto, parente; 6, vogal, ramallete, consoante; 7, pronuncia as palavras escritas, nota musical, pedra de moinho; 8, cidade portuguesa.

VERTICAIS

1, eco que faz a grande onda; 2, nota musical, membro d'ave, interjeição; 3, pedra de altar, vogal, Deus dos pastores; 4, aplaudia; 5, desfaz com os dentes, consoante, expirar com alegria; 6, preposição em Esperanto, parente, preposição com artigo; 7, prender com corda.

HORISONTAIS

1, lavoira; 2, maroto; 3, vogal, preposição, consoante; 4, batraquão, artigo, utensílio; 5, roubou por violência; 6, nota musical, vogal, partir; 7, consoante, casal, artigo; 8, ornar; 9, pato em Esperanto.



D. Rufa - Tramagal

VERTICAIS E HORIZONTAIS
1, nome masculino; 2, pedra de moinho, duas letras de ave, artigo hespanhol; 3, vogal, permanecer no ar, vogal; 4, negação, três letras de

CONCURSO EPISTOLAR

Meus queridos amiguinhos:

É infinitamente grato ao meu coração de vossa dedicada amiga, sentir o simpático acolhimento que todos dispensaram ao «Concurso Epistolar», que neste querido jornalinho abri no número passado.

Tenho aqui, não sôbre a mesa de trabalho, mas sôbre o regaço, maternalmente, as vossas mais lindas carinhas, delicados espelhos das vossas alminhas claras e puras como o Sol!

Comovem-me as palavras carinhosas que todos me dirigem e nunca pensei haver conquistado tanta amizade, entre as criancinhas de Portugal. Bem hajam todas e a todas Deus fade bem.

Acuso a recepção das seguintes:
Msria Fernanda Cardoso, Manoel Louro Folgado, Maria de Lourdes Leiria Cruz, Maria da Encarnação Ferreira Costa, Alberto Caetano Rodrigues Maria do Rosário Pratas, Amélia dos Anjos Pereira, Eulália da Conceição Rato, Dotília Adelino da Silva Mendes Serra, Luís Brandão de Brito, Maria Gabriela de Oliveira, Maria Judite da Conceição Soares, Rosália Pereira, Maria da Conceição Mascarenhas, Antónia de Jesus Ferreira de Sousa.

A todos abraça, carinhosamente, a amiguinha e madrinha

GRACIETTE

CONCURSO GEOMÉTRICO



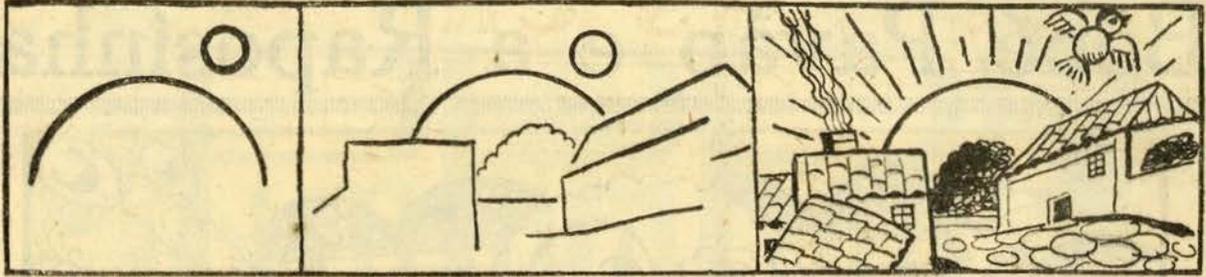
Vitória Emília da Trindade CID

SECÇÃO CULTURAL INFANTIL DA EMISSORA NACIONAL CLASSIFICADAS



Maria Gertrudes Cabral Alves - 10 anos Maria Alda Barbosa Nogueira - 10 anos Lucinda de Carvalho Maria Amália Ortiz da Fonseca Néllia

L I Ç A O D E D E S E N H O



Como se desenha o romper do sol numa aldeia

CHARADAS

PARA OS MENINOS COLORIREM

EM FRASE

1 — O cabelo deste homem, embranqueceu na prisão desde que entrou por esta portinhola. 1-2. *varcela*

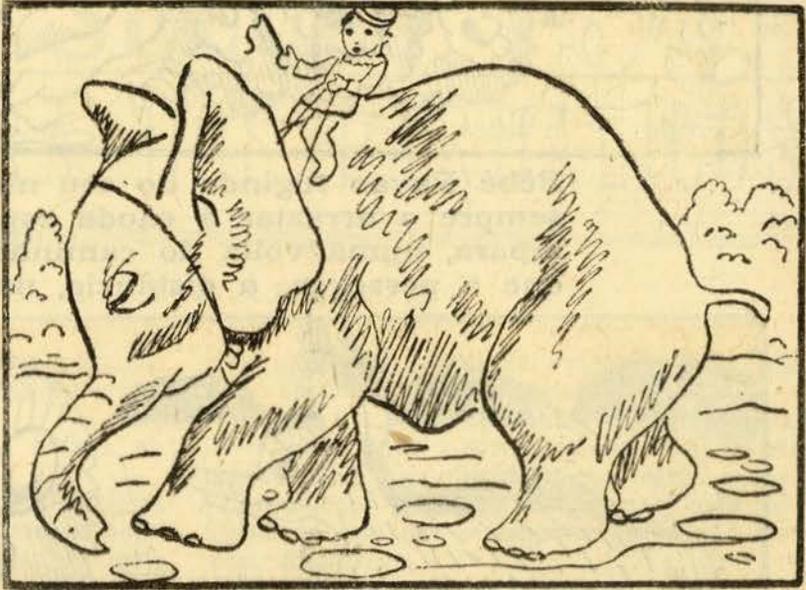
2 — A espingarda caída naquele riacho, foi guardada naquele móvel. 2-2. *armário*

3 — Encobre este objecto forte naquele vão oculto. 3-2. *escondido*

4 — Marinha até esta laçada que fazes uma bela operação. 2-1. *branco*

5 — Só não conhece este numeral quem não tem juízo, tendo assim mau futuro. 1-2. *Sexto*

6 — Aqui este recipiente de água, faz lembrar um gabão. 1-2. *capote*



CHARADAS COMBINADAS

+ ma — Senhora
tro — Pau de bandeira
leira — Próprio dos animais
Conceito — Cidade do Oriente.

+ ico — Cidade *Tomara*
til — Proveitoso *jerusalém*
co — Sacola
a — Divisa.
Conceito — Cidade do Oriente.

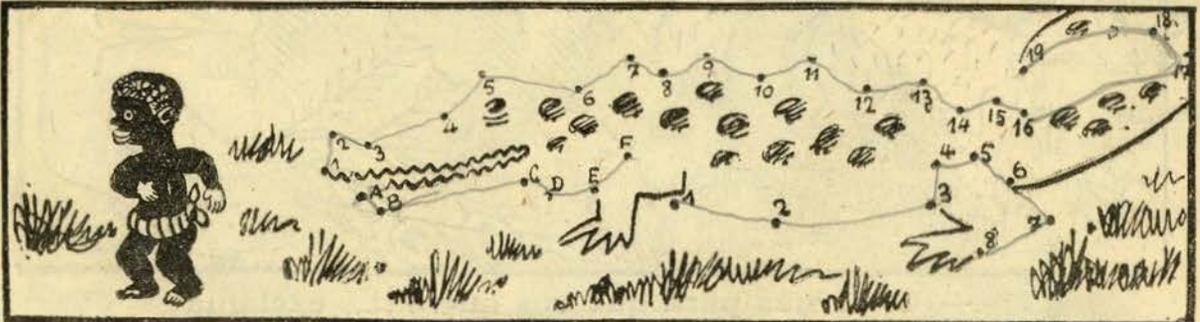
+ lar — Vigiar *veniza*
rvo — Energia
gal — Pastor
Conceito — Cidade da Itália.

+ co — Bocado *napoles*
êma — Composição em verso
ar — Prejudicar
Conceito — Cidade da Itália.

+ dessa — Titular *conchida*
na — Império
mara — Fruto
Conceito — Nome de Mulher.

+ naus — Cidade *marinha*
dente — Risonho
cão — Pátria
Conceito — Nome de Mulher.

A D I V I N H A



Um grande perigo ameaça este pretinho. Vejam se descobrem que perigo é, unindo os pontos numerados por um traço

facare

Bêbé Pavão e a Raposinha



Bêbé Pavão fugindo do seu ninho,
sempre a arrastar a cáuda espaventosa,
repara, numa volta do caminho,
que a persegue, a distância, uma raposa.



Vendo-a, logo a raposa se entusiasma...
Mas, nisto, atrás dos ramos dum arbusto,
aparece uma espécie de fantasma
que à raposinha causa um grande susto.



— «O' pernas para que vos quero?!... exclama
a raposa, fugindo a toda a brida;
emquanto o pavãozinho, atrás da rama,
ri, a bom rir, da ótima partida!